

O FIGUEIROENSE

SEMENARIO IMPARCIAL. POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO DE VASCONCELLOS

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	\$600 "
Para o Brazil, por anno	2\$000 "
Para a Africa, por anno	1\$200 "
Numero avulso	30 "

Annuncia -se as obras das quaes se receba 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Composição e impressão na typographia de
Antonio de Vasconcellos
Administração—RUA DA AGUA
FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha	40 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello	10 "

Originæes sejam ou não publicados não se restituem
Annuncios permanentes e communicados
preço convençionado.

EXPEDIENTE

Achando-se preenchidos os recibos referentes a um anno d assignatura d'este semanario, contado do dia 20 de agosto de 1907 a igual dia de agosto do corrente anno. roga-se aos Ex.^{mos} assignantes a obsequiosidade de mandarem pagar os seus recibos ou declararem se desejam que a cobrança seja feita por intermedio do correio, favor que antecipadamente muito se agradece.

FERIAS POLITICAS

Encontra-se finalmente o paiz em ferias politicas, ferias que se tornavam absolutamente necessarias, taes eram a fadiga e aborrecimento que haviam invadido os espiritos durante o periodo parlamentar que acaba de ser encerrado e que não deixou de si a melhor memoria.

E como havia de deixal-a, se o tempo se passou, como ninguem ignora, em diatribes e accusações, pouco ou nada se tratando das momentosas questões que mais interessam ao paiz?

Na realidade, já ha muito que se manifestava uma verdadeira revolta contra tanta esterilidade parlamentar, sentindo-se ao presente o maior desafogo por vêr terminado esse espectáculo pouco edificante que, durante alguns mezes, offereciam os politicos á nação.

Se alguém se rejubilou com esse espectáculo, certamente, não foram os que teem de mourejar o pão de cada dia e para pagar as contribuições onerosas que pesam sobre a propriedade, sobre a industria, sobre o commercio e sobre o trabalho.

Não, esses nada tiveram de que se rejubilarem, porque a sua situação continua sendo a mesma. Se precaria era precaria ficou, sem que por parte dos politicos se empregasse a maior solicitude para de qualquer modo attenuar ou modificar.

O tempo foi pouco para as questiunculadas politicas, que absorveram toda a actividade dos

politicos de profissão e deram lugar a enormes discursos na maior parte occos, vãos de ideas e de bons principios, mas retumbantes de phrases incongruentes, que a galeria alvar applaudia, incitando os infatuados palradores a novas objugatorias.

Só por isto, só por esse desperdiçar de tempo tão precioso, devemos dar todos por bemvindas as ferias politicas. E' um periodo de descanso em que os ouvidos deixam de ser martellados pela oratoria fatigante massuda e formidavelmente enfadonha dos nossos comensinhos Demosthenes; é um periodo de allivio e desafogo, e pena é que não dure mais tempo e que, em janeiro, sejamos de novo obrigados a assistir a uma nova edição, talvez mais correcta e augmentada, de obra anti-economica e diremos mesmo anti-aesthetica, a que se devotarem os nossos parlamentares, aquelles que pretendem pôr em evidencia a sua facundia alti-sonante.

Retemperados de forças e de eloquencia, continuarão indubitavelmente a seguir a mesma senda, a mesma orientação, porque para elles tudo se resume no seguinte: Palavras, palavras e mais palavras.

Pena é que assim seja e que não se abandonem costumes ruins inuteis, para se tratar a sério dos verdadeiros interesses do paiz. Este quer obras e menos palavras.

Louco é, porem, quem pensa em semelhante cousa e emite o desejo de que se mudem de praticas e se entre a sério na vida politica. Preconisar isto, é o mesmo que bater em ferro frio, ou antes, é o mesmo que prégar no deserto.

Tudo hoje é licito para os que tomam mais em consideração a politica de ambições do que os interesses legítimos da nação; e portanto, já que se torna quasi impossível oppôr uma barreira resistente a tanto desvaivamento vamos-nos contentando com estas ferias

politicas, que são como que uma acalmção para os espiritos, acalmção fugidia, é certo, mas ainda assim bastante apropriada para se reflectir um pouco sobre o futuro e para se ir ganhando em experiencia o que se vai perdendo em enthusiasmos politicos e partidarios.

NOTICIARIO

Retiram amanhã para Coimbra os Ex.^{mos} Srs. Eugenio Augusto de Carvalho, intelligente Delegado do The souro em commissão de serviço n'aquella cidade, sua esposa D. Antonia da Silva Bourbon d'Albuquerque Carvalho, seu predilecto filho Luiz Augusto d'Albuquerque Carvalho e seu primo Alfredo Lencastre, que vieram passar a esta villa o tempo calmoso.

A esmerada educação e qualidades d'esta illustre familia, deixam penhoradas todas as pessoas que com ella conviveram e todas fazem votos para que tão illustres visitantes nos continuem a honrar com a sua comparencia.

Encontra-se n'esta Villa, hospedado em casa do nosso amigo Sr. Antonio d'Azevedo Lopes Serra, o distincto Sub Inspector d'Instrucção Primaria de Castello Branco, o nosso dedicadissimo amigo Ex.^{mo} Sr. Manuel Lopes Pimentel, acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa.

Tomou conta da administração da fabrica de lanificios de Machuca o nosso amigo Sr. Manuel Joaquim da Silveira.

Já se encontram n'esta Villa de regresso dos banhos de mar, as familias dos nossos amigos Srs. Joaquim d'Araujo Lacerda, Manuel e Antonio Luiz Ahria.

Estiveram na quinta feira ultima n'esta Villa os nossos presados amigos Srs. Pedro Corrêa, importante proprietario e capitalista do Cabaco, com sua Ex.^{ma} Mana D. Izabel, e Accacio Virgilio de Souza Manso com sua esposa D. Maria Izabel Corrêa Manso.

Festa de N. Senhora da Piedade

Com a costumada pompa realisou-se, no domingo passado, a festa a Nossa Senhora da Piedade, no lugar do Outão.

De todas as romarias que se fazem nos arredores de Figueiró, é talvez esta uma das mais concorridas não só pela muita devoção d'estes povos para com a Virgem mas tambem pelo aprazivel e pittoresco sitio onde se faz a romaria.

Desejando informar os nossos lei-

tores e muito especialmente aquelles que se acham longe da terra natal, vamos tentar descrever a largos traços a festa d'este anno.

O fogo d'artificio

Muito antes da hora destinada ao principio da festa, já o arraial se achava cheio de gente e bastante animado com bailaricos e descantes, maneira habitual como o nosso povo costuma suavisar o enfado das horas de espera.

De quando em quando estrallejavam foguetes, como promessas enganadoras do principio da funcção. Rapazes galhardos nambriscavam as conversadas donairozas que os ouviam com o sorriso nos labios.

Uma girandola de foguetes e um ah de allivio annunciaram o começo do fogo d'artificio, no qual as peças foram intervalladas por bonitos trechos muzicaes executados proficientemente pela philarmonica Figueiroense sob a regencia do seu novo mestre o Sr. Mario Augusto que regeu de fórma a merecer applausos.

O fogo era na realidade bonito pelo que muito agradou e quando foi queimado o castello começou a debandada n'uma ancia de repouso e de impaciencia pela festa do dia seguinte.

A festa de domingo

Logo de manhã fomos de longada até á ermida graciosamente escondida entre as ramarias das sobreiras e dos pinheiros; pela estrada a concorrência era enorme; bandos de raparigas com trajes vistosos; pezados carros de bois enfeitados a capricho com colchas encarnadas ou com simples ornamentação de verdura; vehiculos de toda a especie conduziam osromeiros que cantavam cantigas populares de melodias singellas n'uma alegria sã de mocidade e festa. Nos campos as espigas já maduras enclinavam-se voluptuosas aos beijos calidos do sol n'essa grande paz do domingo.

Admirando a paisagem, olhando osromeiros achamo-nos quasi sem nos aperceber no local da festa já coalhado de povo que se apinhava junto á capella, ouvindo com delicia os sons da muzica e o estoriar das bombas e dos foguetes; ou então ás bojudas pipas, saboreando, gulosos, a deliciosa pinga, enquanto os mais sisudos ou mais devotos procuravam lugar d'onde pudessem ouvir commodamente a missa e o sermão.

A festa de Egreja

Estallejam de novo os foguetes, repica a sineta, a multidão dirige-se apressada para a ermida é a missa

que vai começar sendo celebrante o R.^{do} Parocho de Santa Catharina acolytado por dois sacerdotes, de quem nos foi impossivel obter os nomes.

Ao Evangelho subiu ao pulpito o R.^{do} Cordeiro, que produziu um bello discurso, fallando do culto da S.^{ma} Virgem e exhortando os fieis á pratica dos seus deveres religiosos, meio unico de obterem a suprema felicidade.

A parte muzical foi confiada á philarmonica Figueiroense que tambem alli mostrou o quanto vale.

O arraial e a procissão

Finda a missa, e enquanto os mordomos afadigados tratavam de organizar a procissão, fomos dar uma volta pelo arraial que era de veras pittoresco com os botequins ao ar livre, onde guapas moças vendiam refrescos e onviavam as graças insulsas dos fraguezes; com grandes carros de melancias e fructa. Tentando os enalmados, e pelo meio de tudo isto passavam raparigas endomingadas; rapazes, tocando pandeireta, ferrinhos e castanholas; ouvindo-se mais ao longe os harmonicos tocando o vira ou o fadinho corrido como que n'um desafio para a dança, e todo este scenario era ensombrado pelos pinheiros e castanheiros e cheio d'uma alegria ruidosa de povo que se diverte.

Ouve-se ao longe a muzica atacando as primeiras notas d'um passo grave, e como por encanto cessa o ruido e todos se curvam perante a procissão que caminha lentamente pela estrada, n'uma grande devoção mistica de coisa santa; a era com mededor ver todas as cabeças descobertas, todos os corpos inclinados n'uma fé sincera de almas simples. A frente vinha o pendão da irmandade, e logo se seguiam duas filas de devotos, empunhando grandes velas e trajando habito: brancos (ou mortallas como elles dizem), depois outro pendão, a irmandade, duas raparigas com offertas, o palio e muito povo.

Não havia luxo nem grandezas, mas era simples e sincero como as preces dos primeiros christãos. Passa a procissão, ouvem-se estallar os

ultimos foguetes e no arraial continua a alegria e a azafama pois era chegada a hora da merenda, e as familias vão-se agrupando aqui e alem nas frescas sombras dos castanheiros, rodeando os alentados fogueiros.

Enquanto os romeiros vão descaçando, a philarmonica Figueiroense, sobe para o coreto, e fez ouvir um variado repertorio que encanta a multidão; e de novo recommçam os bailaricos animados e alegres e assim se continua a festa até ao sol posto, que vem anunciar o fim dos folguedos, este compasso de espera nos labores quotidianos.

E nós fomos tambem impressionados pelo bello espectáculo que acabavamos de gozar.

Notas

Entre os romeiros lembra-nos ter visto os Srs. Julio Farinha, e Pires, de Pedrogam Grande; Dr. Francisco David, medico de Castanheira de Pera; as familias Godinho, Gameiro Santos e Agria, d'esta villa.

Durante todo o arraial houve completo sossego e a maior ordem.

A DÔR

II

A facilidade de sentir a dôr é para todos nós de muita utilidade. Esta faculdade fornece-nos indicações preciosas, fazendo nos comprehender o que pôde ser nocivo ao corpo e obrigando-nos a evital-o. Por consequencia é um agente de educação, que nos faz conhecer as nossas necessidades, a fome, a sede etc. Revela-nos o inicio das lesões, das perturbações internas e externas.

E' em summa uma condição de vida e tambem uma condição de progresso.

Um pintor symbolisa esta noção de uma maneira engraçada, representando um casal, composto de homem e mulher primitivos, sentados em uma praia batida pelo sol. Em redor d'estes dous representantes da humanidade primitiva vê-se numerosas conchas vasias, variadas de forma e de cor. E' evidente que aquel-

les dous seres acabam de comer. O rosto do homem, porem, tem uma expressão de dôr e de arrependimento e, pela maneira como comprime o estomago com a mão, adivinha-se facilmente de que especie é o arrependimento e onde está exactamente localisada a dôr.

Evidentemente, no numero dos molluscos comidos havia alguns venenosos ou toxicos e que deviam ser rejeitados. A dôr não deixará de dar resultado, pois servirá de lição para que se seja mais prudente, para que se conheça o que se deve evitar e cemer sem perigo. E' um ensinamento. E quanto mais desenvolvida estiver a intelligencia, mais rapidamente se escarmentará.

Tudo leva a crêr que o receio da dôr, fructo da propria dôr, deu origem ás religiões infantis, mas terrires, dos povos primitivos, trazendo a idea de que o mundo está cheio de genios nocivos, malfasejos, mas não incorruptiveis, que se podem abrandar, ou pelo meaos comprar-lhes a neutralidade ou a benevolencia.

O homem primitivo vive no meio de uma população de divindades, como os selvagens actuaes. Só mais tarde, graças ao poder intellectual e á energia tambem da heresia de revoltosos e descrentes anonymos, que chegaram a vêr o natural onde todos queriam que fosse o sobrenatural, é que pouco a pouco, se manifestou a idea de não se crêr em causas que não existem, devendo procurar-se outras as que fazem parte da ordem natural. D'aqui sahin, lentamente e a custo, a noção do encadamento e da casualidade natural, a base da sciencia.

Devemos dizel-o? Foi do padre, do sacerdote que sahio o homem de sciencia. Os inicios da astronomia, da meteorologia, da medicina, da geologia, da chimica etc., encontram-se na realidade da theologia primitiva, igualmente filha do receio, do medo, filho legitimo da dôr.

Por consequente, embora não se queira crêr, a dôr tem uma utilidade superior. Não é apenas um signal de perigo, uma indicação de que ha alguma cousa que não funciona bem, indicação util para a conservação da saude e do corpo, quando

se sabe interpretal-a e dar-lhe a devida attenção; não é unicamente uma condição de vida, condição necessaria, imprescindivel, pois a creatura que só tivesse sensação de prazer ou ignorasse a dôr, desappareceria depressa de entre o numero dos vivos; é igualmente uma condição de progresso.

Dizia um escriptor que a dôr nos é util em consequencia do incremento de actividade que imprime a todo o nosso organismo. Faz parte do ambiente e é pelo ambiente que vivemos. Não se pensa reflectidamente no papel capital que o ambiente representa na vida physica e intellectual. Só quando se está na presença dos resultados da prisão celllular, da separação total da vida activa, de toda a excitação externa, é que se comprehende que só ha verdadeira vida onde haja actividade e que nada excita tanto a actividade como o exterior. Nos paizes em que está abolida a pena de morte, é a prisão celllular que a substitue, isto é, o isolamento absoluto. O resultado cu é o embrutecimento ou a loucura.

Concluiremos.

Soneto

Muitas vezes eu penso: O que é a vida?
e, remechando as folhas do passado,
pouco a pouco me sinto mergulhado
n'uma longa tristeza indefinida.

Então chamo por ti, Flor esquecida,
que em silencio repousa a meu lado,
sobre o teu hombro casto debruçado,
eu pergunto, baixinho; o que é a vida!!

E ambos ficamos a scismar tristonhos
nas certezas, nas duvidas, nos Sonhos,
no Amor—o sentimento estranho e forte.

—O' meu amor, fecha teus olhos chora!
Achei enfim, vou-to dizer agora,
a Vida... é a porta colossal da morte.

L.

Arrendamento de propriedade rustica

O abaixo assignado arrenda a sua quinta denominada **Do Tavares**, com as condições que exporá a quem a pretender.

Samuel de Lacerda Almeida

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

FOLHETIM

TELEGRAMMA INESPERADO

III

Francisco Durães tambem não vacillou em raptar a filha do seu ex-patrão, levando-a, profundamente comovida, apoz aquelle acto de revolta, para a Hespanha, escolhendo Vigo como refugio dos seus amores.

Alli se matrimoniaram tambem segundo a lei que domina todas as outras: a do coração. Assim o juraram.

Foi n'um compartimento de primeira classe que Francisco e Eugenia seguiram viagem ao entardecer. No mesmo compartimento havia um passageiro que, enquanto o sol se não occultou se entreteve a contemplar a paisagem pittoresca do Minho que desfilava por diante dos seus olhos como n'um cinematographo. De quando em quando, como que para descansar a vista cerrava os olhos, abrindo os pouco depois para os fixar insistentemente em Eugenia, o que fazia revoltar Francisco que nada gostava d'aquella sem-ceremonia do seu companheiro de viagem.

Este era um d'esses homens fatuos, de cabellos já grisalhos que, com a idade, se tornam por vezes verdadeiramente comicos. De quando em quando mostrava-se de uma delicadeza extrema com a joven companheira de viagem, ora correndo as cortinas se o sol incidia sobre o seu rosto, ora levantando as vidraças se a corrente de ar era mais forte, ora apanhando prestamente qualquer objecto que por inadvertencia Eugenia tivesse deixado cahir.

Quando o comboio parou na estação de Vianna do Castello, a graciosa fugitiva segredou ao ouvido de Francisco:

—Alem de delicado não deixa de ser engraçado este nosso companheiro de viagem. Não tinha graça a anecdota que acabou de contar?

E o pobre Francisco a contorce-se de raiva e com vontade de mandar para o diabo tão delicado companheiro de viagem que, por fatalidade, tambem seguia para Vigo.

Não tardou o comboio a marchar ao principio lentamente, mas depois com a rapidez de um expresso.

Quando chegou a Valença o velho enfatuado disse:

—Temos aqui cerca de uma hora de espera.

—Uma hora!—Exclamou Eugenia.

—Que enorme demora!

—Dá tempo para comer alguma cousa, para desentorpecer as pernas e até dar um passeio.

—E' o melhor calmante para quem tem pressa de chegar ao seu destino não pôde deixar de murmurar Eugenia, soltando um suspiro de resignação.

Depois de entregues as bagagens a um carregador, os tres passageiros apearam-se, dizendo o velho servical:

—Vou vêr se o chefe da estação tem algum telegramma para mim, pois dei ordem de que, se occorresse alguma cousa que pudesse interessar-me, me telegraphassem antes de transpôr a fronteira.

E seguidamente perguntou ao carregador de numero onde ficava a repartição do chefe.

Eugenia murmurou ao seu raptor, sermão to:

—Este homem é de uma previdencia extraordinaria. Até telegrammas manda expedir antes de passar a fronteira!

—Deixa esse homem em paz, Eugenia, e vamos comer alguma cousa.

—Ao restaurante da estação?

—Sim.

—Está bem; em alguma cousa have-

mos de matar tanto tempo de espera.

Francisco e Eugenia estavam já sentados á meza do restaurante quando entrou o velho companheiro de viagem que disse:

—D'esta vez não me enviaram telegramma algum.

—E' porque não occorreu alguma cousa de maior—deu a entender Eugenia.

—Este importuno não nos larga!—disse consigo Francisco—Melhor faria se tivesse ido desentorpecer as pernas!

O velho companheiro de viagem, engatilhando o seu mais amavel sorriso, acrescentou:

—Tudo faz crer, minha senhora, que V. Ex.^a tem razão. Se tivesse succedido alguma cousa, com certeza que me telegraphariam. Antes assim.

E depois de dizer ao creado do restaurante que lhe servisse qualquer cousa de comer, repoz:

—Quando perguntei ao chefe da estação se tinha algum telegramma para mim, respondeu-me, depois de lhe dizer como me chamava: Não, senho; ha ali um telegramma, mas, não é para o cavalheiro, mas para uma senhora, que talvez viesse tambem n'este comboio.

(Conteue)

SECÇÃO ALÉGRE

BAGATÉLAS

Elvira tinha extrema dedicação por Eugenio, rapaz cheio d'attractivos e intelligencia.

Um dia encontraram-se a sós junto do lago do jardim de D. Branca e, ao contrario do que ambos queriam, trataram-se indifferentemente.

—Que mudança fez Eugenio, dizia consigo Elvira.

—Como Elvira está orgulhosa, dizia para si Eugenio.

Momentos depois aproximaram-se os restantes convidados e, Elvira e Eugenio, sentiram o maior arrependimento por não terem sabido aproveitar o ensejo para dizer um ao outro o que o coração sentia!

Abstracções

Quando um povo prevarica,
Todo ou parte,
Ferrenha vara fabrica
Para punir-se que farte
Enquanto se justifica.

E se Lyzia se revolta,
Ha quem diga
Que n'essa reviravolta
A si propria se castiga,
Porque o que se vae não volta.

«Mas a culpa não é sua,
Geme alguém,
Senão dos que para a rua
Ha tanto arrastando a véem,
Quando ella ás vezes recua.

«E não acho nada justo
Que a cidade
Sofra a pena ou prove o susto
De que a rubra liberdade
Por vezes se esquivia a custo.»

Bem sabem-nos pacifistas,
Sem ouvil-os,
Que nem todos são buicistas;
Mas como desincluill-os
Dos elencós terroristas?

Fazem-na escollia abundante
Dos auctores;
Mas d'esse povo o restante
Ficará rindo os favores
D'uma paz algo constante?

Suppomos que não, senhores,
Que o guante
Dos zelozos punidores
Os pôde unhar n'um instante
E fazer penar horrores!

Mas depois d'esses calmantes,
Bons doctores,
Que de futuros brilhantes!

L. Malheiros.

SECÇÃO HISTORICA

OS FRADES

DE
JOÃO DE LEMOS

No intuito de tornarmos o jornal mais interessante e ameno, mais instructivo e agradável, começamos hoje a publicar a presente Secção, convictos de que a ninguém devem desagradar nem desinteressar escriptos de tão grandes liberes e livres pensadores como Castilho, Herculano, Garrett e outros, cuja leitura instrue e recreia. Senão vejamos:

Nas cidades, aquellas figuras — dos frades — graves e sérias com os seus habitos talares, quaze todos pittorescos e alguns elegantes, atravessando as multidões de macacos e bonecas de cazaquinha esguia e chapelinho d'alcatruz que distinguem a

peralvilla — raça europeia — cortavam a monotonia do ridiculo e davam phyzionomia á população.

Nos campos, o effeito era ainda muito maior: Elles caracterizavam a paisagem, poetizavam a situação; mais prozaica de monte ou de valle; e, tão necessarias, tão abrigadas figuras eram em muitos d'esses quadros, que sem elles o painel não é já o mesmo.

Além d'isso, o convento no povoado e o mosteiro no êrmo animavam, amenizavam, davam alma e grandeza a tudo: Elles protegiam as arvores, sanctificavam as fontes, enchiam a terra de poezia e de solemidade: o que não sabem nem podem fazer os agiotas barões que os substituíram.

E' muito mais poetico o frade quæ o barão.

O frade era, até certo ponto, o D. Quixote da sociedade velha.

O barão é, em quaze todos os pontos, o Sancho Pança da sociedade nova.

Menos na graça... Porque o barão é o mais desgraçado e estúpido animal da criação.

Sem exceptuar a familia asinina que se illustra com individualidades tão distinctas como o Ruço do nosso amigo Sancho, o asno da Pouca de Orleans e outros.

O barão — «onagros baronius» de Linn, «l'anne-baron» de Buf — é uma variedade monstruosa ingendrada na burra de Balaham, pela parte essencialmente julaica e uzuraria de sua natureza, em coito damnado com o urso Martinho do Jardim das Plântas*, pela parte franchimotica e solidamente revolucionaria de seu character.

O barão é pois uzurariamente revolucionario e revolucionariamente uzurario.

Por isso é zebrado de riscas monarchico-democratas por todo a pelho.

Este é o barão verdadeiro e puro sangue: o que não apresenta estes caracteres é especie differente de que aqui se não tracta.

Ora, sem sahir dos barões e entrando nos frades, eu digo: Que nem elles comprehenderam o nosso seculo nem nós os comprehendemos a elles.

Porisso, brigámos muito tempo, até que afinal vencemos nós e mandamos os barões expulsos da terra: no que fizemos uma sandice como nunca se fez outra.

O barão mordeu no frade, deu-lhe o... e esboçou-nos a nós depois.

Com que havemos nós agora de matar o barão?

Sim, porque este mundo e a sua historia é a historia do «castello do Chucheromello»: Aqui está o cão que mordeu no gato, que matou o rato, que roeu a corda, etc. etc.: vae sempre assim seguindo.

Mas o frade não nos comprehendeu a nós, porisso morreu, e nós não comprehendemos o frade, porisso fizemos os barões de que havemos morrer.

São a molestia d'este seculo; são elles, não os jesuitas, a cholera-morbus da sociedade actual, os barões.

Nós tambem errámos em não entender o desculpavel erro do frade, em lhe não dar outra direcção social, e evitar assim os barões, que é

muito mais damninho bicho e mais roedor.

Porque, desenganem-se, o mundo sempre assim foi e ha de ser. Por mais bellas theorias que se façam, por mais perfectas constituições com que se comece, o «status in statu» fórma-se logo: ou com frades ou com barões ou com pedreiros livres, se vae pouco a pouco organizando uma influencia distincta, quando não contraria, ás influencias manifestas e apparentes do grande corpo social.

Esta é a oppozição natural do progresso, o qual tambem tem a sua oppozição como todas as coizas sublunares e superlunares: esta corrige saudavelmente ás vezes e modera a sua velocidade, outras a impece com demazia e abuzo: mas enfim é uma necessidade.

Ora eu que sou ministerial do Progresso, antes queria a oppozição dos frades que a dos barões. O caso estava em a saber conter e aproveitar.

O Progresso e a Liberdade perderam, não ganharam.

Quando me lembra tudo isso, quando vejo os conventos em ruinas, os egressos a pedir esmola e os barões de berlinda, tenho saudades dos frades.

A. GARRETT.

—E' possivel que o epitheto de «livres pensadores» que acabamos de dar a Castilho, Herculano e Garrett, á grande trindade litterario-liberal do seculo passado, não represente a verdade perante alguns «livres-pensadores» arte nova: mas, se assim fór, que se accozem, negando-lho, se d'isso forem capazes.

L. M.

Marinhas de guerra

O quadro completo das cinco nações abaixo designadas era o seguinte em 31 de Março ultimo:

Gran-Bretanha	
Couaçados	57
Cruzadores protegidos	34
Contra-torpedos	190
Estados-Unidos	
Couaçados	25
Cruzadores protegidos	13
Contra-torpedeiros	25
França	
Couaçados	21
Cruzadores protegidos	19
Contra-torpedeiros	75
Alemanha	
Couaçados	22
Cruzadores protegidos	8
Contra-torpedeiros	83
Japão	
Couaçados	11
Cruzadores protegidos	11
Contra-torpedeiros	58

A Inglaterra possui ainda, além da sua superioridade em vazos de guerra, um completo cinco de minas submarinas que a tornam imabordable. E as experiencias do seu submarino mysteriozo que ha pouco fez cerca de Chatham, foram muito além das esperanças mais optimistas!

—Como se vê, a Inglaterra é o que sempre foi e será: A grande rainha dos mares! E por isso mesmo a maior pacifista d'este mundo!

L. M.

Em New-York

Está projectada a construcção da caza mais alta do mundo, que terá duzentos e oitenta metros d'altura e constará de 62 andares!

Na primeira parte do predio que terá 150 metros d'altura, haverá 32 andares.

E sobre ella se elevará uma gigantesca torre quadrada de 130 metros d'alto que, com os 150 da primeira parte, sommam-nos taes 280 que a completarão.

A architectura será do «estyllo renascença» e as varandas adornadas de columnas dóricas e corinthias.

O costeo d'esta pequena e simples cazinhola está orçado em 50 milhões de francos ou cerca de 10 mil contos de réis!

A obra deve estar prompta e acabada antes de 2 annos.

—Um pobretão este americano!

L. M.

ANNUNCIOS

LATOARIA

E

CALDEIRARIA CENTRAL

MIGUEL HENRIQUES FERNANDES

com

OFFICINA DE LATOARIA
E CALDEIRARIA

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes a estes dois ramos de industria, para o que tem pessal habitado.

Preços modicos

Rua Everard, 103—105

THOMAS

ADVOGADO

Marcolino da Silva

Escritorio no Largo do Conselheiro João Franco, defronte do Tribunal (casa do Sr. Jeronymo Agria, aonde actualmente tem fixada a sua residencia), podendo ser procurado todos os dias das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Aos que desejam possuir bons vinhos, e aos beneficiadores de vasilhame, indispensavel se torna a applicação de boa aguardente ainda que seja em pequena quantidade

Encontra-se magnifica aguardente de vinho com 30 graus, em boas condições para o fim que acima expomos, em Pedrogam Grande.

Pedidos a

MANUEL RODRIGUES

PEDROGAM GRANDE

* Celebre urso do Jardim das Plântas em Paris.

RELOJOARIA BARROCAS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Bom sortimento em relógios de meza e parede; relógios mourês de pesos com figura na pendula; despertadores desde 500 reis.

Relógios de bolso, boas marcas—Vulcan Longines Civil Cronometro Naval e outras marcas, garantidos por um e dois annos.

Machinas de costura de diferentes marcas, e todas as peças pertencentes a estas machinas.

Cordões, correntes, argolas, brincos, botões, cruzes, fios, alfinetes, anéis e berloques de ouro e prata.

Compra e recebe em troca ouro velho, moedas de ouro antigas ou modernas.

Concertos garantidos em relógios, machinas fallantes, caixas de muzica e objectos de ouro e prata.

Largo da Praça

(em frente da igreja)

Manuel Coelho Fernandes David.

PÃO DE LÓ

DA FABRICA DE

SANTO ANTONIO DOS MILAGRES

DE

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

É uma especialidade que não tem competidor no nosso paiz.

Pedidos directamente á fabrica.

ESCRITORIO FORENSE

Rua do Ouro, 170, 2.º

Telefone 2:183. Telegr.ª

«Leque»—LISBOA

LEITÃO & ALBUQUERQUE

Neste escriptorio, com a maxima seriedade e brevidade e sob a gerencia do socio Arnaldo d'Albuquerque, solicitador encartado n'esta comarca, se toma conta e dirige qualquer assumpto forense ou commerciar por preços relativamente modicos.

Pleitos judiciaes, taes como, habilitações, inventarios, separações, liquidações d'espolios, despejos, etc., e quaesquer demandas em geral.

Recursos, em todos os tribunaes superiores.

Pendências, em todos os ministerios, repartições, despachos ecclesiasticos, legalisação de procurações, certidões e quaesquer documentos estrangeiros e suas traducções ou quaesquer outras.

Recbimentos, de dividas, rendas,

fóros, pensões, juros d'inscripções, acções, obrigações, etc., e averbamentos d'estas.

Annuncios para o «Diario do Governo» e todos os jornaes da capital e provincias, reclames, etc.

Encomendas de toda a especie, suas remessas para a provincia, illhas e colonias.

Assigaaturas de quaesquer obras litterarias scientificas e de recreio, tanto nacionaes como estrangeiras.

Administrações de casas particulares.

Representações de casas commerciaes e industriaes nacionaes e estrangeiras.

Sobre a seriedade e competencia d'este escriptorio dão referencia as seguintes casas commerciaes d'esta praça:

Eduardo Martins & C.ª—R. Nova do Almada, 111 a 213.
Paiva Irmãos—Praça do Municipio, 13, 2.º
Francisco Antunes de Mendonça Sobrinho (Herd.ª)—R. da Magdalena, 11.
Irmãos David (Retozaria)—R. Garrett, 112 a 118.
Joaquim Nunes Coelho—R. de S. Paulo, 188.
Joaquim Pires Mendes—R. dos Bacalhoeiros, 28.
Jerónimo Martins e Filho—R. Garrett, 13 a 19.
Affonso de Barros & C.ª—R. Augusta, 72 a 79.

HOTEL CUNHA

AOS visitantes d'esta fermosa Villa, se recommenda o **Hotel Cunha** pelo seu bom tratamento, boas accommodações e esmeradissimo asseio.

Preços convidativos.

O Proprietario

João Pedro Godinho

FIGUEIRÓ DOS VINHOS.

Nota.—Este «Hotel» fica proximo da Alquilaria do Sr. José Teixeira d'Araujo.

FABRICA DE SABÃO

EM

PEDROGAM GRANDE

Acaba de ser montada e tem já á venda por grosso, todas as marcas de sabão uzadas até hoje.

Qualidades garantidas a preços resumidos.

Os proprietarios

José Henriques da Silveira & Silva.

Usae o Fuminol

Contra o vicio do fumar

Em poucos dias desaparece este prejudicial vicio bochechando com o «Fuminol»—que é inoffensivo, não tem mau paladar e é d'um effeito seguro e rapido.

Frasco 400 reis.

Pelo correio 450 reis.

Remette-se a quem enviar a sua importancia á

—PHARMACIA CAMPOS—

Estarreja—Sahcu

HOTEL VIZIENSE

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO

Rua dos Douradores, 7—1.º

LISBOA

Este hotel, um dos melhores situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobremaneira, pelos modicos preços, que são 800 reis por dia,

bom tratamento e esmerado asseio com que trata os seus hospedes.

Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por 200 reis.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisal-o da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.

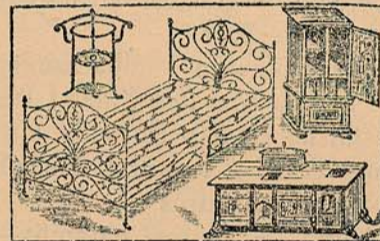
NA LOJA

DOS

QUATRO GLOBOS



FIGUEIRÓ DOS VINHOS



N'ESTE ESTABELECIMENTO encontram-se á venda

camas de ferro a 2\$000, ditas do mesmo metal (em diferentes feitios), ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de madeira.

—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de seda e de lã.—Relógios de meza (affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a bóa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto continuo.

HOTEL COMMERCIAL

— PROPRIETARIO —

JOÃO LUIZ JUNIOR

Rua da Agua

(proximo á estação de diligencias da Campanhia de Thomar)

FIGUEIRO DOS VINHOS

Acaba de se inaugurar este hotel, situado n'um dos melhores pontos da Villa, em edificio moderno, construido expressamente para esse fim. Tem bons quartos, magnificamente mobilados, esculpando-se no acoio.

PREÇOS MODICOS

Atenção!—Na mesma casa se fornecem avulso quaesquer refeições, e petiscos, avisando-se previamente o seu proprietario.

Os dignos viajantes do commercio encontrarão aqui optimo tratamento e em condições excepcionaes para esta terra.

— CAZA DO BARATEIRO —

Esta caza commercial, situada por baixo do **Hotel Commercial**, tem sempre um completo e variado sortimento de chitas, fazendas, chapelaria e artigos de merceria, tudo por preços convidativos.

Na **CASA DO BARATEIRO**, — João Luiz Junior, o publico encontrará um variado sortido, em boas condições.

Eia pois! Ide á loja do **Barateiro**, se quereis ser bem servidos e por pouco dinheiro.